



George Orwell em foto feita por volta de 1940, colorizada Cena do reality show Big Brother Brasil, atualmente em sua 24ª edição na TV Globo

O personagem Winston Smith de '1984' por Fido Nesti

Ontem e hoje



O que George Orwell previu e acertou

No prefácio que escreveu, publicado na edição da Penguin Companhia de 1984, o escritor Thomas Pynchon elenca uma série de elementos criados por Orwell que acabaram se tornando realidade

- Uso de helicópteros para vigilância e como "forma de imposição da lei"
- A "teletela", que inclusive ganhou relevância inédita a partir do advento da pandemia, em 2020
- "As notícias são o que o governo diz que são", lembra Pynchon, e hoje poderíamos acrescentar que as notícias às vezes são o que um gru-

po político mal-intencionado quer que elas sejam

- "A vigilância de cidadãos comuns entrou na rotina da atividade policial", escreveu o autor norte-americano. Ele identifica no livro a rcepção de Orwell de que 'a vontade de fascismo não havia desaparecido; que, longe de ter conhecido seu fim, ela talvez não tivesse nem alcançado seu ápice"
- O ditógrafo: Winston, o personagem principal do livro, dita em um aparelho capaz de transcrever automaticamente as suas palavras
- Versificador: o livro apresenta uma máquina que produz literatura e música sem nenhuma interferência humana, como ferramentas de inteligência artificial hoje já começam a fazer

→ tura de 1984 da perspectiva da amante de Winston Smith. O mundo que Julia descreve é totalmente familiar, mas sutilmente alterado em relação ao mundo em que Winston vive. Além de preencher a tragédia da adolescência de Julia, Newman introduz diversas reviravoltas engenhosas que permitem que a trama prossiga em grande parte como esperado, mas com implicações curiosamente diferentes.

"Exceto por uma cena extraordinária, tudo o que Newman escreve acontece dentro dos limites da história original. De alguma forma, ela enfiou a pinça na garrafa de Orwell e reconstruiu o navio, mas agora apontado para o outro lado", escreveu Ron Charles, do jornal The Washington Post, sobre o livro.

"Muitos dos personagens, os ministérios da Verdade e do Amor, o dicionário cada vez menor, as histórias constantemente reescritas, os Dois Minutos de Ódio, a guerra sem fim com a Eurásia (ou será a Lestásia?) e todos os seus horrores favoritos de 1984 estão aqui." O clássico de Orwell tam-

bém foi transformado em história em quadrinhos, pelas mãos do cartunista brasileiro Fido Nesti. No lancamento da edição espanhola da obra, publicada originalmente pela Quadrinhos na Cia., o artista disse: "Ela continua sendo muito urgente, porque agora estamos diante do retorno de vários regimes totalitários".

Orwell suspeitava que 1984 seria explorado como arma de propaganda pela direita, que o reduziria a um panfletão antissoviético e antistalinista, escreveu o colunista Sérgio Augusto no Estadão quando analisou o uso que a direita americana estava fazendo da obra no momento da disputa entre Trump e Biden à presidência americana. Ele citou, inclusive, uma declaração do senador Josh Hawley, feita no momento em que Trump teve sua conta do Twitter suspensa: "A liberdade de expressão não existe mais na América. Estamos vivendo no 1984 de Orwell".

VERDADE. George Orwell escreveu romances, reportagens, cartas e ensaios variados, mas, em todos, tratou, de formas distintas, da verdade. E, em uma época em que as fake news ameaçam democracias, vale a leitura de Sobre a Verdade, seleção de escritos do autor lançada pela Companhia das Letras.

Mas não foi apenas o uso do livro pela direita que Orwell previu - e acertou. No prefácio a 1984 escrito por Thomas Pynchon em 2003, incluído na edição da Penguin Companhia, o escritor americano faz uma rica análise do livro, relacionando pontos centrais da lógica impiedosa do sistema descrito no romance com a atualidade.

"O Ministério da Paz promove a guerra, o Ministério da Verdade conta mentiras, o Ministério do Amor tortura e chega a matar aqueles que considera uma ameaça", escreve Pynchon. "Se isso parece excessivamente perverso, lembre-se de que nos Estados Unidos poucos veem problemas num aparato de guerra chamado 'Departamento de Defesa'." •

Adaptação feita para o cinema está disponível no streaming

A FUNDO

O clássico de George Orwell já teve várias adaptações para o audiovisual. A primeira delas foi uma produção da BBC para a televisão, em 1954, tão polêmica que foi debatida no Parlamento britânico e provocou queixas de espectadores, assustados com o "conteúdo explícito e subversivo" do filme, o que não travou sua brilhante carreira.

Essa versão pioneira de 1984 foi colocada entre os 100 maiores programas da televisão britânica no século 20. Dirigida por Rudolph Cartier (1904-1994), antecipa algumas cenas chocantes da versão dos anos 1980, assinada pelo inglês Mi-chael Radford - especialmente as de tortura.

Em 1956, Michael Anderson dirigiu uma outra versão de 1984, com Michael Redgrave no papel do general O'Connor, correspondente cinematográfico do torturador O'Brien do livro.

Teatro David Bowie quis transformar '1984' em musical, mas família negou pedido

De volta à versão de Radford, o principal mérito do diretor é o de não ter pretendido fazer da distopia orwelliana um espetáculo, como afirmou o crítico Antonio Goncalves Filho no Estadão. "Filmando exatamente no período descrito no livro – isto é, desde o dia 4 de abril de 1984, quando Winston Smith começa seu diário subversivo Radford confere à história uma atualidade que afasta de modo definitivo a possibilidade de incorporar metáforas a uma tragédia já em curso, a do perigo da uniformização cultural e política do mundo", completou. O filme está disponível na AppleTV+ e Amazon Prime Video.

Nos anos 1970, David Bowie propôs à viúva de Orwell transformar o livro em musical, mas ela negou a autorização. O jeito foi colocar sua inspiração no álbum Diamond Dogs (1974), que trazia canções como 1984 e We Are Dead, esta em referência a Julia.